

AERLIS realiza missão empresarial a Moçambique

A Associação Empresarial da Região de Lisboa (AERLIS) organizou mais uma missão empresarial a Lisboa, com os empresários a constatarem as oportunidades de negócio e as potencialidades da economia moçambicana. Os grandes projetos em curso no Norte do país potenciam o crescimento do mercado em praticamente todos os setores de atividade. No final da missão, as empresas nacionais ficaram habilitadas a construir cenários de internacionalização e, nalguns casos, surgiram pedidos de orçamento para adjudicações a muito curto prazo.

CVR Lisboa quer reforçar exportações para Angola e Moçambique

Angola e Moçambique são os mercados estratégicos em que a Comissão Vitivinícola de Lisboa (CVR Lisboa) decidiu apostar. “Atualmente, temos 25 produtores a exportar para o mercado angolano e cinco para Moçambique e a nossa intenção é fazer com que estes números aumentem ainda este ano”, de acordo com Vasco d’Avillez, presidente da CVR Lisboa. Angola foi o mercado para onde a CVR Lisboa mais exportou, no ano passado.

MIGUEL GUIMARÃES, PRESIDENTE DA SECÇÃO REGIONAL DO NORTE DA ORDEM DOS MÉDICOS, ADVERTE

Criação do Enfermeiro de Família tem como úni

A figura do Enfermeiro de Família, que o Ministério da Saúde e a Ordem dos Enfermeiros querem ver criada, além de permitir colocar nas mãos dos enfermeiros “competências que são próprias dos médicos”, tem um único objetivo: “poupar dinheiro”, garante o presidente da secção regional do Norte da Ordem dos Médicos (OM).

Em entrevista à “Vida Económica”, Miguel Guimarães avisa que “o enfermeiro não substitui o médico”, cujas competências “estão plenamente definidas há muitíssimos anos”, e que são estes quem deve continuar a coordenar as equipas médicas nas unidades de saúde, assumindo as responsabilidades que daí decorrem. O médico deixa ainda um alerta: “O objetivo do ministro da Saúde, desde que começou o seu mandato, tem sido reduzir custos”, mas isto “vai ter reflexos nos cuidados de saúde”.

TERESA SILVEIRA
teresasilveira@vidaeconomica.pt

Vida Económica – Está em discussão pública um projeto de diploma que institui a figura do Enfermeiro de Família. Que opinião tem sobre o assunto?

Miguel Guimarães – A Ordem dos Médicos tomou uma posição formal, não pela criação da figura do Enfermeiro de Família em si, que faz algum sentido, mas sobretudo porque no documento apresentado pelo Ministério da Saúde e pela Ordem dos Enfermeiros eles pretendem ter competências que são próprias dos médicos. Quando estamos a falar de avaliação clínica, em termos de diagnóstico e tratamento e de seguimento das famílias, estamos a falar de uma área que na Medicina Familiar sempre se deu uma importância nuclear. Repare que não é por acaso que o nosso país tem índices de qualidade tão bons, desenvolvidos ao longo destes últimos anos, nomeadamente ao nível da Medicina Geral e Familiar. Portugal faz parte daquele grupo de países que tem uma especialidade médica chamada Medicina Geral e Familiar. E é uma especialidade que implica ter o curso de Medicina e a experiência clínica após o curso, o que implica fazer uma especialidade de mais quatro anos. Sendo que, se repararmos bem na importância nuclear das famílias na sociedade e nos cuidados de saúde, já está previsto nos próprios programas curriculares das faculdades de Medicina no ensino pré-graduado.

VE – Os enfermeiros viriam retirar competências aos médicos?

MG – Os enfermeiros pretendem ter competências que são dos médicos, atos médicos. Um enfermeiro é extraordinariamente importante na área da saúde, mas não substitui o médico. Senão então o curso de Enfermagem e de Medicina são iguais. E não são. São cursos diferentes. São duas profissões na área da Saúde que estão plenamente definidas há muitíssimos anos e cada uma tem as suas competências. As competências dos médicos não são mais importantes que as dos enfermeiros nem as dos enfermeiros mais importantes que as dos médicos. São competências diferentes. E isto é o que temos de respeitar.



Cortes na Saúde terão “reflexos naquilo que é a qualidade dos tratamentos oferecidos aos doentes, nos tempos de espera para que são os indicadores gerais de saúde pública”, alerta Miguel Guimarães.

VE – Qual é o objetivo do Ministério da Saúde com a criação da figura do Enfermeiro de Família?

MG – O objetivo do Ministério da Saúde é claramente poupar dinheiro. Aliás, o objetivo do ministro da Saúde, desde que começou o seu mandato, tem sido reduzir custos. Repare: o ministro da Saúde é de todos os ministros aquele que mais reduziu custos. Está a reduzir custos de uma forma brutal, melhor do que aquilo que a própria ‘troika’ exigia na área da Saúde. E é evidente que isto vai ter reflexos ao nível dos cuidados de saúde.

VE – Que tipo de reflexos?

MG – Reflexos naquilo que é a qualidade dos tratamentos oferecidos aos doentes, naquilo que são os tempos de espera para con-

“Há doentes que já não estão a fazer a medicação que lhes é dada pelos médicos. Há doentes hipertensos que estão a deixar de tomar os medicamentos para a hipertensão porque não têm dinheiro para os comprar”

sultas, cirurgias, etc. e sobretudo naquilo que são os indicadores gerais de saúde pública que, neste momento, são excelentes em Portugal. Estamos a falar da esperança média de vida, da mortalidade infantil, da mortalidade após o parto, etc, etc.. E todos estes índices a muito curto prazo vão-se alterar. Aliás, já estão a começar a alterar-se.

VE – Quer dar exemplos?

MG – Dou-lhe exemplos concretos. O tempo de espera para consulta, para cirurgia, ou seja para o que for, já está a começar a aumentar. Já há vários hospitais em que isto começa a existir. Pior do que isso, o número de doentes que recorrem ao serviço de urgência diminuiu claramente. E não é porque as pessoas não precisem de ir à urgência. Porquê?